

# EXPERIÊNCIA DIDÁTICA

Olá professora, olá professor!

É um prazer tê-las/tê-los conosco! Vamos começar nosso diálogo pelos conhecimentos que temos em comum, que fazem parte do nosso fazer. Sabemos que a didática reúne técnicas, métodos e conhecimentos que permitem a resolução de questões de nossa profissão docente, não é mesmo? Em outras palavras, o desempenho de nossas práticas pedagógicas e a concretização de objetivos educacionais não são algo improvisado ou espontâneo, e sim circunstanciado e fundamentado. Somos especialistas nessa organização diária!

Uma **Experiência Didática** (ED) pode ser entendida como um conjunto de materiais e de propostas de atividades pedagógicas que sistematizam e promovem a ampliação de nossos repertórios, para que, junto às/aos estudantes, possamos trilhar jornadas de aprendizagens que considerem a construção coletiva e significativa de conhecimento. Tendo como ponto de partida os saberes e as práticas que já estão presentes em nossa escola, a ED se apresenta como um caminho que nos apoia na busca por romper com a organização linear e isolada dos conteúdos. **Baseada em princípios**, a ED tem como pressuposto que a **integração de diferentes componentes curriculares** contribui para o enfrentamento da cultura do fracasso escolar.

Com isso, nos coloca como protagonistas na organização de uma escola que cumpre plenamente sua função social. Uma escola que, ao identificar situações desafiadoras às participações e às aprendizagens, se coloca em **movimento coletivo e articulado** para organizar formas e recursos para a eliminação de barreiras como parte de seu processo de qualificação.

Para apoiar esse processo singular, disponibilizamos um roteiro elaborado a partir de Experiências Didáticas já realizadas em escolas brasileiras. Nossa ideia é que esse repertório inspire cada um de vocês a entrar nessa roda de conhecimento. Apresentamos uma estrutura flexível, iniciada sempre com questões mobilizadoras, que pretende ao mesmo tempo apoiar e facilitar o registro dos momentos de criação, assim como disponibilizar repertório do que já foi realizado. Tudo junto e misturado, tal como nossa vida na escola e fora dela!

Esta ED, como qualquer material didático, não pretende esgotar o assunto. **Uma educação que protege contra as violências** deve ser construída cotidianamente. A prevenção e a resposta às violências devem acontecer de forma permanente, em uma abordagem integrada que envolva professoras/professores, estudantes, gestoras/gestores e familiares. A escola precisa se articular com a rede de proteção e atenção a crianças e adolescentes nos seus territórios para que nossa sociedade avance na garantia dos Direitos Humanos.

**Vamos colocar a mão na massa juntas e juntos?**

# RACISMO E BRANQUITUDE: DIÁLOGOS PARA TRANSFORMAÇÃO



## POR QUE É IMPORTANTE QUE ESTA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA SEJA REALIZADA?

Que situações ou contextos fizeram com que vocês entendessem que é importante proporcionar esta Experiência Didática? Qual é a situação desencadeadora deste processo? Há uma questão norteadora?

O grande diferencial na formulação da Experiência Didática que será aqui apresentada é que suas temáticas foram pensadas por professoras/professores, gestoras/gestores e coordenadoras/coordenadores de escolas envolvidas com as atividades em turmas de distorção idade-série no **Rio Grande do Norte**. Esse trabalho surgiu da vivência de um conjunto de oficinas sobre educação que protege de violências, baseadas em estudos relativos aos direitos humanos de crianças e adolescentes, em parceria com a OSC CEDECA - Casa Renascer. Portanto, as temáticas desta ED surgem das realidades vivenciadas a partir da escuta das/dos estudantes.

As atividades construídas visam compreender e refletir, a partir da integração curricular, as temáticas que dizem respeito à educação que protege em qualquer escola, bem como adaptadas a diferentes contextos.

Convidamos todas/todos as/os professoras/professores e coordenadoras/coordenadores a se aventurar pelas atividades sugeridas!



## PARA QUEM ESTA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA ESTÁ SENDO PLANEJADA?

Qual é o território em que sua escola está? Como é a sua comunidade? Quem é o grupo que vai experienciar esta proposta? Quais potencialidades e desafios vocês conseguem identificar nele?

A temática desta ED foi pensada por e para professoras/professores, gestoras/gestores e coordenadoras/coordenadores de escolas envolvidas com as atividades em turmas de distorção idade-série. O público-alvo sugerido é de estudantes de Ensino Fundamental (Anos Finais).



## O QUE QUEREMOS EXPERIENCIAR?

Quais são as expectativas de aprendizagem desta Experiência Didática? Qual a sua relação com os objetivos da Base Nacional Comum Curricular?

---

A diversidade presente na sociedade brasileira é uma das nossas maiores riquezas. No entanto, a discriminação racial que persiste no Brasil se reflete nas desigualdades que afetam a vida de diversas/diversos estudantes. O racismo é um problema estrutural, por isso é de grande importância que a escola promova uma educação antirracista, trabalhando de forma contínua e multidisciplinar estratégias que visem o enfrentamento dessa violência.

No Brasil, quase 27 milhões de crianças e adolescentes (49,7% do total) têm um ou mais direitos negados, segundo o [estudo Pobreza Multidimensional na Infância e na Adolescência](#), do UNICEF. Crianças e adolescentes negras/negros são as/os mais atingidas/atingidos: sua taxa de privações múltiplas é de 58%, enquanto a de brancas/brancos gira em torno de 38%. Na educação, a taxa de reprovação de estudantes que se declaram pretas/pretos no Ensino Fundamental e Ensino Médio, em escolas públicas municipais e estaduais, é o dobro da taxa entre brancas/brancos - 10,8% contra 5,9%, em 2019 (Censo Escolar). Ainda em relação às disparidades, o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial indica que jovens negras/negros têm duas vezes e meia mais chances de serem vítimas de homicídio do que jovens brancas/brancos.

Assim, compreendendo o problema como uma questão estrutural, todos os esforços pela inclusão escolar e pela efetiva aprendizagem precisam considerar o racismo como tal, reconhecendo seus impactos perversos nas trajetórias escolares e de vida de estudantes desde a primeira infância. Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental na interrupção de ciclos de violências e, sobretudo, na construção de uma educação antirracista que reconheça e valorize a diversidade, respeitando, portanto, as diferenças existentes e distanciando-se do discurso de que somos todos iguais, uma vez que, na prática, a igualdade não se manifesta.

A Experiência Didática “Racismo e branquitude: diálogos para a transformação” propõe um trabalho integrado de diferentes componentes curriculares, com atividades que exploram vivências individuais e coletivas, audição de música, análise de composição, bem como discussões a respeito de pautas importantes, como racismo recreativo e antirracismo. Tal proposta tem como intuito ampliar o contato das/dos estudantes com debates que envolvem o tema, conscientizando a respeito das dinâmicas sociais. Com atividades interativas, reflexivas e colaborativas, essas dinâmicas são trabalhadas por meio de diferenciação e conceitualização, reflexões pessoais, discussões críticas e engajamento coletivo.

### **Objetivos da ED:**

Promover compreensão crítica sobre as dinâmicas de racismo, bullying, branquitude e poder, trazendo subsídios para que as/os estudantes possam identificar, discutir, e diferenciar essas questões;

Promover a reflexão sobre as experiências pessoais das/dos participantes, incentivando-as/os a reconhecer seu papel no combate ao racismo e na promoção de uma sociedade mais equânime.

### **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) incentivados nesta ED:**

Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades;

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos;

Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles;

Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

### **Competências Gerais da BNCC incentivadas nesta ED:**

Esta ED foi organizada a partir das habilidades da BNCC propostas para os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Como a atividade desencadeadora se caracteriza por ser uma proposta integrada e colaborativa, é importante que professoras e professores dos diferentes componentes curriculares envolvidos planejem de forma conjunta. A proposta permite que professoras/professores dos componentes curriculares de Arte, Geografia, História e Língua Portuguesa trabalhem de forma concomitante e integrada ao longo de toda atividade, ainda que outras possibilidades pedagógicas possam surgir a partir dessa ação, bem como a participação de docentes de outros componentes curriculares.

### **Conhecimentos que podem ser construídos com a atividade:**

Com base nas atividades propostas, e considerando a integração dos componentes curriculares numa perspectiva inclusiva, é possível construir um conjunto de conhecimentos, entre os quais se destacam:

- respeito ao posicionamento de outras pessoas;
- respeito à história de vida de cada pessoa;
- ampliação das leituras do mundo;
- identificação de diferentes tipos de violências;
- tratamento de informação e interpretação de dados em um texto;
- análise de tabelas;
- construção e interpretação de diversos tipos de gráficos;
- autoproteção;

- compreensão e produção em diferentes gêneros textuais;
- autoria de ideias em posicionamentos e problematizações;
- expressões artísticas;
- corporeidade.



## QUAIS MATERIAIS SERÃO USADOS NESTA EXPERIÊNCIA?

Importante ressaltar que os materiais aqui elencados não esgotam as possibilidades abertas por essa discussão e nem mesmo são considerados imprescindíveis para que a experiência ocorra. É fundamental que os materiais também sejam considerados a partir da realidade da escola, com o envolvimento das/dos educadoras/educadores para um planejamento conjunto a partir dos componentes curriculares envolvidos.

### Equipamentos

Computadores e/ou tablets com acesso à internet;



### Materiais e Recursos Didáticos

Lápis, borrachas, apontadores, réguas;  
Papéis A3 e cartolinas;  
Lápis de cor, canetinhas coloridas;  
Papéis autocolantes;  
Fita adesiva.



## QUANTAS HORAS OU AULAS SERÃO DEDICADAS À ESTA EXPERIÊNCIA?

São seis encontros de duas horas cada. Essa duração não deve ser compreendida como um tempo ideal, e sim uma referência para auxiliar na organização em termos de hora/aula.

## COMO SERÁ ESTA EXPERIÊNCIA?

Quais atividades e propostas vão compor esta experiência? Quais estratégias didáticas serão utilizadas?

Para organizar esse registro, propomos seis momentos

1. instigar, entusiasmar, provocar
2. questionar, desconfiar, investigar
3. relacionar, significar, contextualizar
4. sintetizar, sistematizar, organizar os conteúdos
5. avaliar o processo
6. organizar, documentar, registrar o processo

Vamos mergulhar em cada um deles?

### Como e por que **INSTIGAR, ENTUSIASMAR E PROVOCAR?**



Esta atividade desencadeadora propõe considerar noções já estabelecidas a respeito de bullying e racismo e, a partir delas, introduzir os conceitos de cada um. O intuito é diferenciar os conceitos e tipificar os sujeitos afetados por cada um deles, uma vez que ambos muitas vezes ainda são confundidos. A confusão dos conceitos pode também ser uma estratégia e evidência do racismo velado, já que, ao não ser reconhecido, tem sua gravidade diminuída e impossibilita que o problema seja tratado como tal. Essa diferenciação servirá de base para as demais discussões ao longo da ED.

Ela procura contemplar e considerar o conhecimento prévio de mundo como uma forma de atrair as/os estudantes para a discussão, além de mobilizá-las/los a partir de experiências pessoais. Assim, a proposta é que entrem em um movimento constante de reflexão a respeito de suas ações e ideias pré-concebidas.

Em tempo: para saber mais e/ou explorar outra abordagem a respeito do bullying, acesse a ED “Bullying: brincadeira ou violência?”.

#### **Atividade:**

1 - Oportunizem um momento para que as/os estudantes se expressem desenhando ou escrevendo uma situação real ou fictícia vivenciada ou testemunhada que represente um dos dois conceitos: racismo ou bullying.

Durante o desenvolvimento desta atividade, gatilhos ou lembranças podem ser desencadeados para alguns estudantes, e até mesmo denúncias podem surgir. Então, é importante que estejam sempre atentas/atentos para acolhimento e encaminhamento nessas situações.

Nessa atividade, espera-se que os registros sejam pautados nas ideias pré-estabelecidas das/os estudantes a respeito dos conceitos, sem que haja, inicialmente, uma intervenção sobre a definição de cada um. Uma possibilidade é que a/o professora/professor, além de conduzir, também participe da atividade, objetivando aproximar-se do público ao qual se dirige e iniciam-

do a construção de um ambiente seguro e confortável para que todas/todos possam se posicionar nas discussões que estão por vir.

2 - Ao término, orientem as/os estudantes a colocarem os registros em uma parede ou espalharem no chão de modo que todos tenham acesso, montando algo semelhante a uma exposição. Numerem rapidamente os registros para que a etapa 3 alcance a agilidade necessária.

3 - Solicitem que os participantes circulem pelo espaço atentando-se a cada um dos registros. Estimulem que parem, reflitam e tentem identificar quais são as situações ali representadas. Na sequência, reúnam a turma em roda e questionem:

- Quais pontos em comum as situações registradas apresentam?
- Quais podem ser categorizadas como bullying? E quais podem ser racismo?
- Simultaneamente às respostas, separem os registros em dois espaços de modo que a divisão fique clara. A partir disso, questionem:
- Considerando a separação a partir das suas respostas, como podemos definir e diferenciar bullying e racismo?

Em termos gerais, espera-se que as/os estudantes entrem em consenso a respeito de que o bullying é um tipo de comportamento que objetiva intimidar, ofender ou prejudicar terceiros, enquanto o racismo, embora tenha objetivo semelhante, é pautado em questões étnico-raciais para as práticas discriminatórias, sempre colocando um determinado grupo minoritário em detrimento de outro.

Para complementar a definição de bullying, cabe a perspectiva de Telma Vinha, professora do Departamento de Educação da Unicamp e coordenadora do Grupo de Estudos, Ética, Diversidade e Democracia na Escola Pública: “ocorre entre iguais, a intencionalidade do autor é agredir e gerar sofrimento, o alvo escolhido é frágil, a violência é repetida pelo menos três vezes na semana e ocorre a exposição da pessoa”.

4 - Como sistematização do encontro, a partir das palavras de cada um deles, cabe pedir que registrem em caderno, cartaz ou na lousa, de forma coletiva, uma síntese da discussão do dia.

Para aprofundamento no tema, leiam os textos: [Sobre racismo e suas múltiplas manifestações, Afinal, o que é bullying?](#) e [Bullying](#).

## Como e por que **QUESTIONAR, DESCONFIAR, INVESTIGAR?**



5 - Façam o seguinte questionamento: “Quem deve resolver o problema do racismo?”. Em grupos, proponham uma discussão curta de até cinco minutos e solicitem aos participantes que uma pessoa do grupo compartilhe as conclusões. Permitam que os grupos dialoguem ao expor suas percepções, motivando questionamentos que surgirão a partir das trocas.

Como ponte, mencionem que, de acordo com estudiosos do tema, como Grada Kilomba, o problema se deve à branquitude. É possível questionar quantos imaginam o significado de tal conceito e, na sequência, apresentá-lo e exemplificá-lo.



O problema é que pouco se fala sobre o que significa ser branco — “branquitude” nada mais é do que se reconhecer enquanto pessoa branca e os privilégios atrelados a isso — e como isso se relaciona com a discriminação racial. Diversos pesquisadores, entre eles a psicóloga portuguesa Grada Kilomba e a filósofa brasileira Djamilia Ribeiro, ressaltam que o racismo é, sobretudo, uma problemática branca. “O racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele”, explica Ribeiro em seu livro *Pequeno Manual Antirracista* (Companhia das Letras). Na visão dela, pessoas brancas não têm o hábito de pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo, pois o debate racial é sempre voltado para a negritude. - Marília Marasciulo, da Revista Galileu.

Fonte: <https://www.geledes.org.br/precisamos-falar-sobre-branquitude-e-seu-papel-na-luta-antirracista/> Acesso em 03 set. 2024.

Para aprofundamento a respeito da conceituação da branquitude, leiam na íntegra os textos: [Precisamos falar sobre branquitude e seu papel na luta antirracista](#) e [Os pontos cegos da questão da branquitude](#).

6 - A partir da definição de branquitude, proponham que as/os participantes façam um exercício de reflexão. O objetivo é que reconheçam seu lugar na discussão a partir dos questionamentos levantados. Caso as/os estudantes sejam não brancas/brancos, a pergunta deve ser reformulada para a observação da branquitude do lugar de uma pessoa não branca, de modo que seja possível traçar uma comparação ao compartilharem experiências.

**Questões:**

A- Qual a cor da minha pele? Como as outras pessoas me leem? (De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as classificações de cor/raça são: branca, parda, preta, amarela, indígena.)

B- Quando foi a primeira vez que percebi minha própria etnia e a posição que ela ocupa na sociedade? (Sugestões de colocação: antes dos dez anos, entre os dez e os 15 anos, entre os 15 e 18 anos, após os 18 anos.)

C- Quais são os meus privilégios pela minha cor de pele?

D- Como eu me beneficieei ou fui afetada/afetado por sistemas que favorecem a branquitude?

E- Como a branquitude influencia minhas interações com pessoas de outras etnias?

Em relação à questão B, cabe dizer que vocês podem e devem questionar o que tais afirmações indicam. Por exemplo, se uma pessoa branca pode dar-se conta de sua etnia apenas no momento em que essa discussão acontece, é um indicativo dos privilégios que essa pessoa possui. Assim como uma pessoa negra reconhecer-se de tal forma tardiamente, é um indicativo de outras problemáticas.

Recomendamos a leitura do livro [Quando me tornei negra](#), de Bianca Santana. E, para aprofundarem-se a respeito de privilégios, leiam na íntegra: [Guia sobre a branquitude](#).

7 - Após compartilharem as respostas em roda, questionem novamente o porquê é dito que o problema do racismo deve ser resolvido pela branquitude e quem dentro da estrutura que conhecemos tem a detenção de poder. Solicitem que relacionem a resposta às experiências coletadas na etapa anterior. Antes de retomarem a discussão nos grupos, orientem os partici-



pantes a desenharem numa cartolina ou em papel grande um diagrama com o mapeamento de poder, de modo que sejam representadas: pessoas brancas, negras, indígenas e amarelas. O diagrama deve ser resultado da discussão realizada a partir dos novos questionamentos.

Enfatizem que tal representação deve considerar os lugares que cada etnia ocupa na sociedade. Para tanto, disponibilizem em papel ou registrem na lousa: “Quais lugares cada etnia/raça ocupa na sociedade a partir da discussão anterior? Governo, educação, mídia, justiça etc.”. Cada estudante deve identificar onde, pessoalmente, se situa dentro desse sistema de poder.

## Como e por que **RELACIONAR, SIGNIFICAR, CONTEXTUALIZAR?**



8 - Proporcionem um momento de audição da música **Um dia de injúria, de Amiri**, e orientem que as/os estudantes atentem-se à **letra**. Se possível, abram o link e exibam a música no YouTube para que as/os estudantes visualizem a letra, facilitando a reflexão. Ao término da audição, repitam e chamem atenção para o trecho:

(...) Quis ser eleito o mais bonito, mas, nele, ninguém votava na urna  
E ele tava na turma onde cada aluna  
Não ligava pro quanto ele gostava da Bruna  
Que uns brincavam: “a Akuma!”  
“Vai, ô, desenho da bolacha Nikitos!”  
(...)

Questionem se as/os estudantes conhecem as referências citadas nos dois últimos versos e solicitem que pesquisem rapidamente. De modo dialogado, conduzam o encontro a partir das questões:

- O que o uso das aspas nos dois últimos versos destacados indica?
- Com qual intenção tal comparação pode ter sido feita? Quem é o possível autor?
- Por que o compositor achou relevante colocar esse trecho na música? Qual mensagem ele deseja transmitir?

Se notarem que, ao pesquisarem as referências, as/os estudantes acharem engraçado, cabe questionar o porquê do resultado da pesquisa ter sido motivo de risada. Tal questão muito provavelmente não terá respostas, possibilitando o gancho para o próximo momento, que trata de racismo recreativo.

Ainda que a pesquisa não tenha provocado risadas, introduzam o próximo tópico mencionando que é comum a ocorrência do que a letra da música chama de “brincadeira” e a isso dá-se o nome de racismo recreativo.

9 - Introduzam o conceito de racismo recreativo por meio do **vídeo** do jurista, professor e pesquisador Adilson José Moreira. Para ilustrar, selecionem uma notícia como a sugerida a seguir.

## Professor de escola particular de SP que imitou macacos no Rio de Janeiro com mulher argentina é demitido | CNN Brasil

Retomem a discussão sobre a ideia de poder realizada anteriormente e solicitem às/aos estudantes que relacionem com racismo recreativo. Para tanto, reunidas/reunidos em grupo, as/os estudantes devem:

- Responder às questões: quem detém esse poder? Por quê? Com qual intenção? Como é a aceitação da sociedade?;
- Escolher uma situação de racismo recreativo conhecida;
- Associar os dois pontos acima construindo uma afirmação (tese).

Para aprofundarem-se, leiam na íntegra: [Branços usam 'humor' e 'amigo negro' para perpetuar discriminação, diz autor de 'Racismo Recreativo'](#).

## Como e por que SINTETIZAR, SISTEMATIZAR, ORGANIZAR OS CONTEÚDOS?



10 - Iniciem o questionamento: “Por que racismo segue acontecendo mesmo que seja crime?”. Para isso, retomem os conceitos trabalhados anteriormente: bullying vs. racismo; racismo recreativo; racismo velado. Acrescentem a discussão a respeito do antirracismo.

Apresentem a frase a seguir. Pode ser escrita em lousa, projetada, apenas lida ou da maneira que acharem melhor.

“Em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”

Angela Davis

A partir disso, estimulem uma discussão a respeito do que é ser antirracista, interpretando a colocação da autora. Para tanto, usem as questões motivadoras a seguir e, dialogando com as/os estudantes, conduzam-os a uma conclusão.

- Por que não basta não ser racista?
- Em que consiste ser antirracista?

Pensando no contexto escolar, quais ações, atividades e/ou práticas poderiam ser desenvolvidas para a construção de uma educação antirracista?

11 - Apresentem a existência do livro [Pequeno Manual Antirracista](#), de Djamila Ribeiro e, em grupos, dividam os temas/capítulos abaixo para discutir quais foram os motivadores da autora ao propor cada um deles. Dessa maneira, é possível que cada grupo realize a leitura de pelo menos dois capítulos. Antes de iniciarem a leitura, lancem a questão:

- Qual é a importância de cada capítulo para a luta antirracista? Sugira que associem ao que foi discutido anteriormente.

Os capítulos são:

Informe-se sobre o racismo

Enxergue a negritude

Reconheça os privilégios da branquitude

Perceba o racismo internalizado em você

Apoie políticas educacionais afirmativas

Transforme seu ambiente de trabalho

Leia autores negros

Questione a cultura que você consome

Conheça seus desejos e afetos

Combata a violência racial

Sejamos todos antirracistas

12 - Ao término da leitura, solicitem que a turma elabore um mapa mental coletivo e digital abordando cada capítulo e sua respectiva importância. As seguintes ferramentas gratuitas podem ser utilizadas: [Canva](#), [Google Apresentações](#) e [Padlet](#).

Finalizada a atividade, o mapa mental pode ser exposto no espaço que julgarem mais adequado com o objetivo de lembrete e compartilhamento do conhecimento adquirido por meio da leitura coletiva do livro.

---

## Como e por que **AVALIAR O PROCESSO?**



13 - Orientem que as/os estudantes refaçam o mapeamento realizado na etapa 7, mas com as mudanças nas estruturas de poder que desejam para a sociedade. Associado a isso, é interessante que elaborem também pequenas propostas de intervenção a partir desse mapa, objetivando que de fato possa ser real/viabilizado.

Sabendo que a avaliação não diz respeito apenas a um instrumento, cabe considerarem todo o processo pelo qual as/os estudantes passaram ao longo da experiência. Assim, as/os professoras/professores que conduziram a prática devem avaliar, não só o produto final orientado na etapa 12, mas também a participação das/dos estudantes e, principalmente, a qualidade das discussões realizadas. Nesse sentido, é possível que, juntas/juntos, as/os professoras/professores estabeleçam critérios com diferentes gradualidades para mensurar o engajamento de cada um. Sugerimos que tais critérios sejam: expressão oral, produção de texto, planejamento e realização. É desejável também que tal documento acompanhe os docentes ao longo de todo o processo e não apenas no final, uma vez que consideramos a avaliação como uma atividade permanente. Além disso, recomendamos a aplicação de uma autoavaliação que estimule a/o estudante a refletir a respeito de sua prática e seu aproveitamento da experiência.

Em relação à expressão oral, é possível avaliar pronúncia, entonação, volume, ritmo, clareza na exposição de ideias, adequação da língua ao contexto. Na produção de texto, é possível avaliar coesão e coerência, estrutura, argumentação e clareza na apresentação das informações, compreensão de comandos. Na avaliação de planejamento e realização, é possível analisar

proatividade, comunicação e integração, gestão de tempo, atendimento a prazos, qualidade nos resultados. Além disso, cabe avaliar também outras habilidades que se relacionam aos eixos já mencionados, sendo elas: capacidade de fazer reflexões, relacionar conceitos a elementos da realidade, senso crítico, foco/concentração/atenção, comparação crítica de conteúdos, dados e informações de diferentes fontes e contextos.

Tais critérios devem ser elaborados previamente pelas/pelos professoras/professores e apresentados às/aos estudantes no início de cada proposta.

## Como e por que **ORGANIZAR, DOCUMENTAR, REGISTRAR O PROCESSO?**



Em diversos momentos da experiência didática trabalhamos com materiais físicos e digitais, em que as/os estudantes puderam registrar suas percepções e produções. São eles: desenhos, tabela de reflexão, diagramas e mapa mental coletivo. Tais materiais compõem parte da documentação do processo. O restante diz respeito a fotos e vídeos, desde que estejam em acordo com a LGPD, que devem registrar momentos de pesquisa, discussão, produção e apresentação.



## QUAIS SÃO AS SUAS INSPIRAÇÕES, SUA BIBLIOGRAFIA, SUAS FONTES?

Este espaço se destina ao registro de quais foram **suas fontes de inspiração**. Podem ser livros, revistas ou outras publicações e também vídeos, podcasts ou outras produções que ajudaram vocês ao longo do **planejamento** dessa trilha.

[Branços usam 'humor' e 'amigo negro' para perpetuar discriminação, diz autor de 'Racismo Recreativo'](#)

[Guia sobre a branquitude.](#)

[Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência - 2017 - Desigualdade Racial e Municípios com mais de 100 mil habitantes.](#)

[O Racismo recreativo não é piada.](#)

[Os pontos cegos da questão da branquitude.](#)

[Precisamos falar sobre branquitude e seu papel na luta antirracista.](#)

[Professor de escola particular de SP que imitou macacos no Rio de Janeiro com mulher argentina é demitido.](#)

[Racismo e infância: Brasil falha em proteger crianças e jovens pretos.](#)